

SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. da S.; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020. 286p.

Alana Aragão Ávila¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

A obra *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* chega aos leitores brasileiros em um período de urgências, tanto no terreno da política quanto na produção de conhecimento acadêmico e científico. Lançado pela editora Autêntica no início de 2021, a obra é o segundo volume de uma série produzida a partir das pesquisas do grupo de pesquisa Latesfip – Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise, vinculado à Universidade de São Paulo. Organizado por Vladimir Safatle, Nelson da Silva Júnior e Christian Dunker, o livro soma-se à recente intensificação da produção literária, especialmente internacional, sobre a temática dos neoliberalismos e suas formas de racionalidades. Além de apontar para a necessidade de diferenciação entre neoliberalismo e liberalismo, um dos grandes trunfos do livro de Safatle, Júnior e Dunker é a recuperação da discussão internacional sobre neoliberalismo e sua atualização a partir do debate brasileiro, ao mesmo tempo em que se tenciona a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para o fenômeno neoliberal.

É a partir da mescla teórica que fundamenta o trabalho do laboratório Latesfip, bem como as pesquisas lá realizadas, que os sete artigos reunidos na obra tomam forma e são subdivididos em três eixos temáticos: A economia moral neoliberal e seus descontentes; A produção neoliberal do sofrimento; e Neoliberalismo à brasileira. Já na introdução do livro, afirma-se que a abordagem do neoliberalismo proposta ultrapassa a ideia de teoria econômica ao encarar este como “[...] uma forma de vida definida por uma política para a nomeação do mal-estar e por uma estratégia específica de intervenção com relação ao estatuto social do sofrimento” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 11).

É nessa tônica que Vladimir Safatle abre o primeiro artigo do livro, explorando o neoliberalismo como economia moral. A apropriação de termos vinculados aos saberes psi – ou seja, produções da Psicologia e Psiquiatria –, tal como a ideia de austeridade, aparece, então, como uma das estratégias do pensamento neoliberal para o desenvolvimento da ideia de *racionalidade* a partir de valores morais vinculados à dimensão econômica. É possível pensar a discussão de Safatle inserida no mesmo terreno dialógico em que: Wendy Brown (2019) aciona a moralidade branca e masculina como eixo central das

Recebido em: 09/03/2022

Aceito em: 16/03/2022



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

apresentações contemporâneas do neoliberalismo; e Nancy Fraser (2020) aposta na dimensão progressista do discurso neoliberal. Ainda que discordantes nos pormenores teóricos, os três autores apontam para a moralização dos afetos e para a construção social dos sujeitos no neoliberalismo.

Propondo explorar os meandros da construção do que veio a ser entendido como a concepção neoliberal de sujeito, o segundo artigo da obra de Safatle, Júnior e Dunker (2020, p. 48) explora a “hipertrofia da ação individual”, a fim de compreender como a realização individual, a disciplina e a ideia de liberdade operam nesse cenário. Pois, se o neoliberalismo prevê um tipo de sujeito específico para a propagação de seus ideais, de forma concomitante, operam novas formas de gestão e disciplinamento. Para os autores, esse tipo de sujeito está ancorado, especialmente, na ideia de autonomia. Ou seja, no que os autores chamam de “princípio da ação”. “Sob o neoliberalismo, a coerção é internalizada, de modo que os sujeitos se autorreificam sob a égide da lógica da mercadoria” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 49). Todavia, a ideia de liberdade permanece como o princípio máximo da episteme neoliberal. Preservando parte das propostas do liberalismo, a liberdade é vendida como a máxima a ser alcançada individualmente por aqueles considerados sujeitos.

No terceiro e último capítulo da primeira parte do livro, os autores promovem um mergulho nas matrizes psicológicas da episteme neoliberal. Assim, é por meio da compreensão da noção de liberdade, entre alguns dos principais teóricos do neoliberalismo, que é abordada a dimensão política vinculada às relações de poder que surgem a partir do que Isaiah Berlin nomeia de “liberdade negativa”. Recuperando as noções de liberdade propagadas por Hayek, Friedman, Any Rand e Becker, os autores destrincham as particularidades do pensamento de cada um deles no que tange a aplicação do conceito de liberdade. É assim que somos informados sobre a lógica neoliberal de Friedman, em que “[...] não acreditamos em liberdade para crianças e insanos [...]” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 92) e sobre o pensamento de Any Rand, que promove a propagação de um ideal de liberdade em que o social é considerado como algo inexistente e a oferta de subsídios governamentais para programas sociais é tida como uma forma de coerção governamental. Ou seja, o sujeito do neoliberalismo apresenta-se como um tipo específico que orienta suas ações a partir de uma moral construída sob a lógica individualista baseada em um tipo de negação da coerção enquanto anseia por outro tipo de coerção. Pois, ao negar a coerção do social e/ou do governo em prol de sua liberdade negativa, os mesmos sujeitos necessariamente têm de se enquadrar às coerções promovidas pela lógica neoliberal.

É possível afirmar que a segunda parte do livro de Safatle, Júnior e Dunker seja a mais integrada com os saberes da psicanálise e da psiquiatria. Afinal, nos artigos colocados sobre o eixo temático “A produção neoliberal do sofrimento”, os autores recuperam discussões que vão desde a produção diagnóstica vinculada aos manuais psiquiátricos até a criação do *enhancement* e a transformação do diagnóstico de depressão dentro da lógica produtivista do neoliberalismo. Todavia, longe de fechar o conhecimento com uma escrita acessível apenas aos iniciados no campo *psi*, os textos constroem historicamente, e de forma acessível, as transformações que alteram não só a possibilidade de nomear, como as formas de expressão do sofrimento. Ainda assim, especialmente no que tange

aos processos de medicalização e à psiquiatria, o adensamento do texto exige certa familiaridade com o campo *psi* a fim de compreendê-lo em sua totalidade.

A discussão promovida pelos autores busca explorar a relação entre “[...] o sofrimento psíquico como objeto legitimador da disciplina psiquiátrica e sua gestão a serviço da economia [...]” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 127), assim, trazem à tona as transformações da clínica médica e as influências da racionalidade neoliberal em sua constituição, promovendo a substituição da função terapêutica em prol da produção de técnicas de aprimoramento vinculadas à lógica econômica. Para tal, conforme descrevem os autores, as transformações se deram tanto na produção de novos diagnósticos para responder a não conformidade de sujeitos às exigências da cultura neoliberal, quanto pelas produções performáticas de novos sujeitos. A discussão proposta viabiliza, então, vislumbrar a ampla relação entre a problemática da psiquiatria enquanto técnica disciplinar e seus efeitos no social, especialmente por meio das investidas na biologização do sofrimento psíquico e no controle destes via a utilização de medicações visando o equilíbrio (e posteriormente o aprimoramento) até enfim o “[...] ocultamento das mediações sociais e políticas dos fenômenos psíquicos” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 143).

É considerando a problemática da apropriação da psiquiatria pela racionalidade neoliberal e seus efeitos que Dunker propõe no artigo “A hipótese depressiva” encarar a depressão como uma patologia do social. Assim, a hipótese depressiva, derivada da hipótese repressiva fruto da obra freudiana, é proposta por Dunker como uma “[...] forma de sofrimento normalopática, compulsória e expansiva”. (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 177). Evocando o livro anterior *Patologias do social*, publicado em 2018 e também organizado por Dunker, Júnior e Safatle como fruto das pesquisas do Latesfip, a hipótese depressiva descrita por Dunker, surgida de acordo com o autor na metade do século XX, seria configurada pelo “[...] conjunto de modificações em nossa maneira de ler o sofrimento psíquico, deslocando-o do campo do conflito para o domínio das funções corporais, da intensidade e da produtividade como vetor de verdade do sujeito” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 178). A década de 1970 é marcada pela construção da ideia de administração do sofrimento para impulsionar a produtividade em sociedades capitalistas, tal como pela construção de uma nova moralidade em torno do *como sofrer* sob o neoliberalismo. Competitividade e individualização tornam-se parte fundamental do sujeito do neoliberalismo, assim como depressão e mania operam como “[...] sintomas estruturalmente necessários ao discurso neoliberal” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 192). Desse modo, Dunker retoma ao movimento de desenvolvimento da psiquiatria e sua aliança com a indústria farmacêutica e a racionalidade neoliberal na produção de sintomas, diagnósticos e soluções medicamentosas para gerir o sofrimento.

A obra é finalizada com dois artigos que discutem o “neoliberalismo à brasileira”. Assim, são colocados em destaque os elementos que deram subsídio para a produção de uma prática psicológica no Brasil ancorada em preceitos neoliberais. A obra de Meira Penna é tomada como exemplar entre uma prática psicológica ancorada nos princípios liberais (ou neoliberais). Discute-se, então, como parte principal da psicologia clínica brasileira passou a gerir práticas ancoradas nos preconceitos de raça e classe. Revelando a hegemonia de práticas relativas à Psicanálise, as Terapias Cognitivas Comportamentais e as chamadas Gestalts Terapias, os autores elaboram como estas responderam às

demandas de uma crescente classe média ancorada em preconceito de classe, raça e gênero que comprometia o entendimento da legitimidade do sofrimento daqueles que eram localizados fora do ideal branco, masculino e burguês. O artigo encerra recuperando o desenvolvimento, no solo brasileiro, de iniciativas como a Igreja Universal e a produção do neopentecostalismo de resultados, que subverte a ideia de sacrifício e modéstia financeira do cristianismo católico pela superação de obstáculos e crescimento financeiro e pessoal a partir da força da crença dos fiéis. Nesse contexto, torna-se emblemático o surgimento de líderes carismáticos como Edir Macedo e Waldemiro Santiago. As narrativas de sofrimento são encaradas então como expressão de fracasso e falta de fé. Assim, “[...] neopentecostalismo e neoliberalismo conectam-se em uma mesma gramática na qual nenhum sacrifício deve ser feito sem uma perspectiva tangível de retorno” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 240).

Encerrando a terceira e última parte do livro, Nelson da Silva Júnior elabora sobre “O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do ‘Pacto edípico e pacto social’”, de Hélio Pellegrino, ao “E daí?”, de Jair Bolsonaro. Recuperando as discussões de Hélio Pellegrino em torno de trabalho, violência e pacto social, Silva Júnior afirma que a ruptura do pacto social com a esfera política está ligada “[...] à perda objetiva das instituições sociais e à perda do lugar do subjetivo do sujeito na estrutura social” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 263). Considerando o avanço do neoliberalismo no Brasil a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso, ainda na década de 1990, o autor demonstra como “[...] o desemprego, os baixos salários e outras formas de precarização do trabalho, que seriam ‘quebras do pacto social’ no caso do nacional-desenvolvimentismo, transformaram-se em ‘regras do jogo’ no caso do neoliberalismo”. (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 265)

Entendendo que a cultura do neoliberalismo legitima a pulsão de morte, Silva Júnior recupera a fala de Jair Bolsonaro em pleno primeiro ano da pandemia de Covid-19 ao saber que o número de mortos do Brasil superava os números chineses: “E daí?” É a partir dessa fala que se entende que o chiste presidencial faz parte do pacto social do neoliberalismo, uma biopolítica da morte.

Para compreender *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, são necessários pausas de leitura e retornos constantes aos textos a fim de acompanhar a capilarização do neoliberalismo e a construção de seus novos imperativos. Afinal, é a partir da produção desses imperativos que se organizam novas formas de ser no mundo, transformando sujeitos e relações de modo a condicionar as próprias formas de nomear o sofrimento a partir da “[...] naturalização dos pilares da ideologia neoliberal como ponto de partida para a reflexão sobre a experiência social” (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p. 167). A novidade da obra é a localização das discussões sobre o neoliberalismo a partir do contexto brasileiro. Afinal, ao passo que se adensam as investidas governamentais em prol de um emparelhamento moral e econômico aos preceitos neoliberais, crescem também os investimentos de pesquisadores brasileiros que buscam compreender os efeitos desses processos. Revisitando o debate a partir da associação do neoliberalismo com preconceito de classe, xenofobia, conservadorismo, homofobia e a já famigerada ideia

de superioridade masculina, ou seja, da construção e valorização de moralidades outras, o livro contribui para o entendimento de que, ainda que não possa operar enquanto uma explicação total para fenômenos individuais e culturais, a ampliação das racionalidades neoliberais já atravessa as próprias formas de gerenciamento do mal-estar causado pelo ideal de sujeito neoliberal.

Referências

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

FRASER, N. **O velho está morto e o novo não pode nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. da S.; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020.

Alana Aragão Ávila

Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharela em Psicologia (UFC), vinculada ao Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (CANOA/UFSC). Psicóloga CRP 12/21661. Bolsista de doutorado CNPq.

Endereço profissional: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, Caixa Postal 476 – Trindade, Florianópolis, SC. CEP 88040-900.

E-mail: alanaavila01@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1457-2718>

Como referenciar esta resenha:

ÁVILA, Alana Aragão. Resenha da obra *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* de Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker, 2020. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, n. 2, e86458, p. 241-245, maio de 2022.